



Povos Indígenas

**DIREITO À SAÚDE
DIREITO À VIDA**

Semana dos Povos Indígenas de 1997

As pessoas não gostam de ficar doentes. Contudo, cada vez mais, crianças e adultos ficam doentes porque a natureza está destruída. O ar está empestado, porque as matas foram derrubadas. Doenças são transmitidas pela água, porque os rios estão poluídos. Os frutos da terra não são mais saudáveis, muitas vezes, porque o solo foi envenenado. Sem uma natureza bem cuidada não vamos ter saúde.

Os povos indígenas sempre cuidaram bastante da natureza. Prova disso é que, no sul do Brasil, as maiores extensões de matas nativas encontram-se em terras indígenas. E você sabe por quê? Porque os índios sabem respeitar a terra. Augusto, índio Kaingang, que vive em Iraí/RS, diz:

“A terra é importante para nós porque ela significa uma mãe, assim como uma mãe tira do seu próprio corpo o alimento para dar vida a seu filho”.

Vire a página e conheça um pouco mais sobre um dos povos indígenas do Brasil: o povo Kaingang. Descubra, através do sonho da vovó e da lenda da gralha azul, um pouco do seu jeito de pensar, de viver e de cuidar da natureza. Faça as atividades criativas e leia também a história bíblica.

Os povos indígenas querem a nossa solidariedade e amizade para terem mais saúde e vida. Por outro lado, nós podemos aprender deles como cuidar melhor do meio ambiente, para termos uma vida mais saudável.

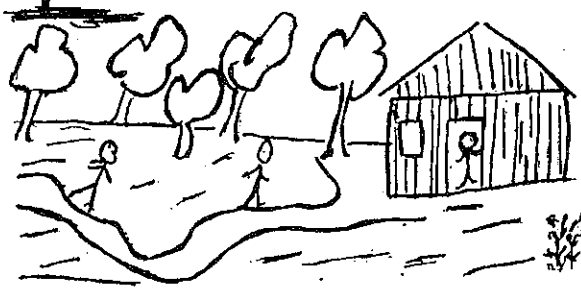


O Povo Indígena Kaingang

Antigamente, o povo Kaingang vivia livre e em contato com a natureza. Sua alimentação era mais natural. Comia peixe, caça, frutas e folhas. Havia fartura e saúde.

Porém, desde a chegada dos portugueses, o povo Kaingang foi muito perseguido. Muitos índios foram mortos. Mesmo assim, continua um grande povo. Sua população é de mais ou menos vinte mil pessoas, distribuídas nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

A grande maioria do povo Kaingang mora nas áreas indígenas. Mas, com pouca terra para plantar, sem mata para caçar e com os rios poluídos, muitos trabalham como empregados, em fazendas ou nas cidades. Outro jeito de sobreviver é fazer artesanato para vender. As dificuldades são muitas. A moradia é ruim. Há pouco agasalho. A comida é fraca e pouca. Faltam recursos para a saúde e para a educação.



O sonho da vovó

O sonho é muito importante para os povos indígenas. Traz lembranças do passado. Ajuda a ter esperança e a lutar por um futuro melhor.

Uma vovó Kaingang de 75 anos, do Posto Indígena de Apucarana/PR, contou um sonho que fala de um tempo de fartura.

A antropóloga Kimiye Tommasino anotou este sonho, no inverno de 1990. Leia com atenção o sonho da vovó:

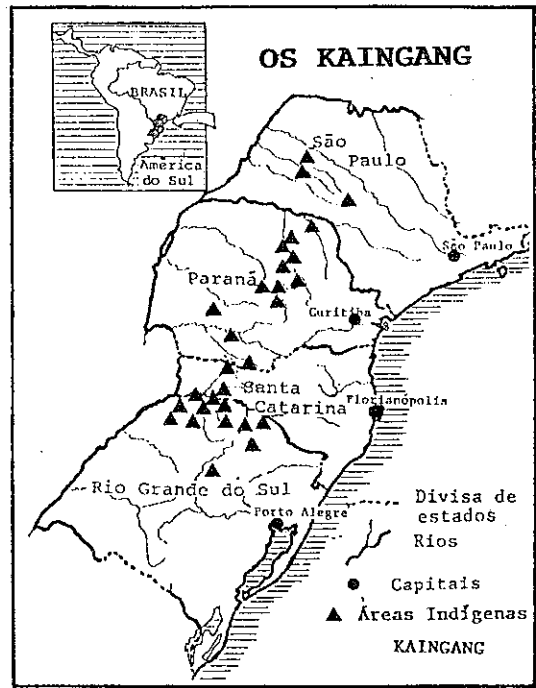


Foto: Spilmeler



Vicentina Kaingang, Iraí/RS

*“Eu tinha muitas criações.
Mas agora não tem mais.
Eu tinha muitas criações de gado, que
viviam nos matos, que são as antas.
Mas agora não tem mais.
Agora não tem mais nada para comer.
Por isso estou vendendo os balaíos,
para eu sobreviver.
Aqui tinha muitas árvores, matos, palmitos.
Mas agora não tem mais palmitos.
Eu tinha muita alimentação no mato.
Mas agora não tem mais.
Agora tem muitas criações
de gado nestes pastos.
Mas eu não gosto da carne
nem das gorduras deles.
Essa noite sonhei que comia carne de anta.
Era gostosa. Ela estava macia.
Mas naquela hora eu acordei!
Então eu disse: Por que
eu sonhei desta maneira?
Eu disse para mim mesma.
Eles cavucavam a terra e faziam buraco.
Dentro do buraco eles faziam fogo
e jogavam pedras.
Logo que as pedras ficavam com a cor
da brasa, eles faziam em cima
uma grade de varotes e depois forravam
muito bem com folhas de palmeiras.
Depois eles colocavam as carnes
de anta e enterravam.
No outro dia eles abriam.
E as carnes ficavam bem molezinhas.
Nós comíamos junto com o ãmi.*
Farinha de pinhão também.
Quando tinha bastante pinheiros aqui.
A farinha de pinhão era muito gostosa
de comer com a carne de anta.
Então hoje eu tenho vontade
de comer de novo.
Por isso eu sonhei.”*

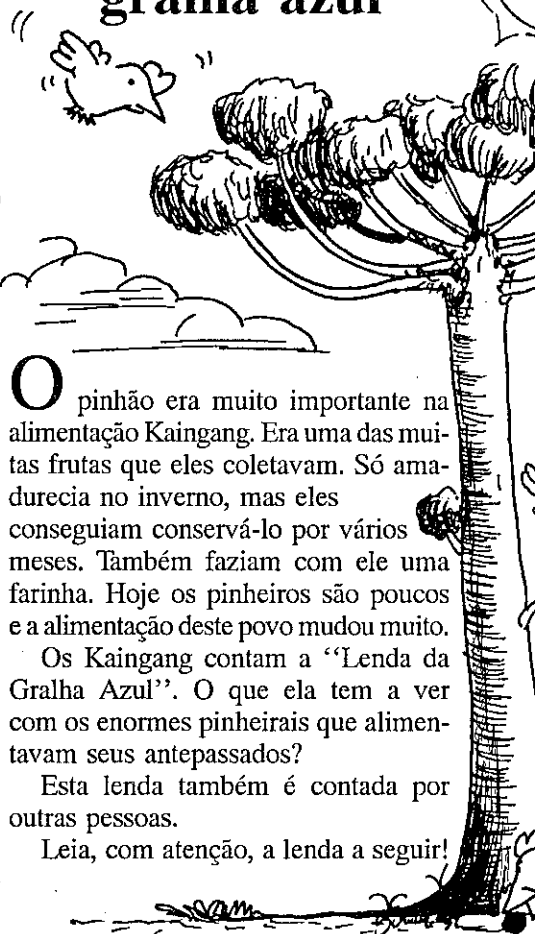
(* ãmi é um bolo de milho azedo)

O sonho da vovó mostra que os povos indígenas precisam da natureza para sobreviver. Dela tiram os alimentos, os remédios e muitas outras coisas para o seu uso.

Cada vez que destruimos a natureza, estamos também destruindo a nossa vida e prejudicando a nossa saúde. Se ajudarmos os povos indígenas a preservar a natureza, estaremos preservando também o nosso meio ambiente.

O que nós podemos fazer para preservar a natureza?

A lenda da gralha azul



O pinhão era muito importante na alimentação Kaingang. Era uma das muitas frutas que eles coletavam. Só amadurecia no inverno, mas eles conseguiam conservá-lo por vários meses. Também faziam com ele uma farinha. Hoje os pinheiros são poucos e a alimentação deste povo mudou muito.

Os Kaingang contam a “Lenda da Gralha Azul”. O que ela tem a ver com os enormes pinheirais que alimentavam seus antepassados?

Esta lenda também é contada por outras pessoas.

Leia, com atenção, a lenda a seguir!

Num enorme descampado,
um pinheiro isolado,
muito triste e solitário,



passava seu dia inteiro
sem ter um só companheiro
que lhe trouxesse alegria.

Sem poder compartilhar
da beleza do luar
ou de um lindo pôr-do-sol!

Nem as aves vinham vê-lo.
Não ouviam seu apelo
pela distância tão grande!

Um dia, uma gralha azul,
que voava para o sul,
desgarrou-se do seu bando.

Viu o pinheiro distante
e, sem fôlego, ofegante,
num de seus ramos pousou.



E disse, agradecida:

- Você salvou minha vida!

E já não tinha mais forças.

- Fique, avezinha querida.

Eu lhe darei acolhida.

Pouse em meus galhos amigos.

Aqui terá o que deseja:
desde a sombra benfazeja
até frutos saborosos.



Estão prontinhos pra dar.

Maduros! É só pegar...

Há quanto tempo esperava

que chegasse esse dia.

Essa é uma grande alegria:
poder ajudar a alguém.

- Que frutos deliciosos!

Nunca provei tão gostosos!

E devem ser nutritivos...

Mas, por que vive sozinho,
sem ter um só pinheirinho,
em volta, para alegrar?

Por que seus frutos, irmão,
quando caídos no chão,
não germinam como os outros?



- A casca não abre à toa...
e, mesmo em terra boa,
não dá para germinar.

É preciso plantar:
o pinhãozinho enterrar
com cuidado e com amor!

- Deixe isto tudo comigo!
Obrigada pelo abrigo!
Muito breve voltarei.

E, num vôo muito ligeiro,
deixou o amigo pinheiro
bem triste e sem entender...

Mas, no horizonte, um dia,
viu, com imensa alegria,
aves que vinham chegando.

A gralha azul vinha à frente
e trazia, toda contente,
suas irmãs para ajudar.

E todas foram plantando,
com muito amor enterrando,
os pinhõezinhos no chão.

Em breve, no descampado,
surgiu muito bem lançado
um pinheiral lindo e forte!

A gralha azul, boa e amiga,
levou toda a sua vida
plantando o seu ideal...

Mas será sempre lembrado
quem puder deixar plantado,
na vida, seu pinheiral.

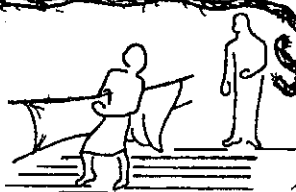
De Bellah Leite Cordeiro, adaptado do livro
No reino dos colibris, Edições Paulinas.



Que tal seguirmos o exemplo
da gralha azul e plantarmos uma
árvore? Os povos indígenas aqui no
sul já estão fazendo isso. Estão re-
plantando árvores nativas em suas
áreas, para recuperarem as matas des-
truídas pelo colonizador.

Amigos pra valer

Leia Marcos 2.1-12



Numa pequena cidade chamada Cafarnaum, mora Marcos, que é paraplítico. Ele tem quatro bons amigos que lhe fazem companhia.

A cidade está cheia de gente. Marcos quer saber o que está acontecendo. Seus amigos lhe explicam:

- Jesus está na cidade. Todas as pessoas querem vê-lo.
- Eu também quero, mas como? - diz Marcos.
- Isso não é problema. Nós o levaremos até Jesus. - dizem eles.

Então o levam deitado numa lona atada em duas varas. Quando chegam na casa onde Jesus está, vêem que ela está cheia de gente.

- Como poderei falar com Jesus? - pergunta Marcos a seus amigos.
- Não desanime! Vamos dar um jeito! Encoraja-o um dos amigos.

Os seus amigos pedem ajuda para mais algumas pessoas. Então, sobem com Marcos até o telhado da casa. Ali fazem um buraco e o descem amarrado à lona. Assim não é difícil fazer com que Marcos chegue até Jesus.

Jesus se admira com a fé que eles têm e, num sorriso, diz para Marcos:

Quando mais pessoas dão uma mãozinha, tudo funciona.

- Filho, os seus pecados estão perdoados... Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa!

Todas as pessoas ficam felizes e louvam a Deus ao verem Marcos curado.

Os amigos do paraplítico se esforçaram muito para poderem ajudá-lo.

Esta solidariedade nos faz pensar nos povos indígenas. Como eles vivem? Quais são as suas dificuldades? Estamos dispostos a sermos seus amigos?

Edmundo Faque, índio Kaingang, do Posto Indígena Guarita, nos convida a sermos solidários com seu povo:

“VÁSÂNSÂN JÉ.
ËG KAGA TŪ NI JÉ
ËG HÀ KAR NĀ TĪ JÉ
HER KEN KỸ ËG VASĀN MU?”



“Vamos lutar juntos para não ficarmos doentes.
Para termos saúde.
De que jeito nós lutaremos?”
(Posto Indígena Guarita - 5/11/92)

Este folheto é uma publicação do COMIN - Conselho de Missão entre Índios, com a colaboração do Departamento de Catequese da IECLB (Caixa Postal 14 - 93001-970 - São Leopoldo/RS). Ilustrações a partir da arte Kaingang.

Para informações e pedidos, faça contato com:

COMIN

Caixa Postal 14

93001-970 - São Leopoldo/RS

Tel.: (051) 592-1782 - Fax: (051) 592-3288

Atividade criativa

Assim como outros povos indígenas, o povo Kaingang luta para preservar a natureza. Eles sabem que isto é importante, pois assim preservam a sua saúde e a saúde de outros povos também.

Da natureza eles tiram o alimento e o material necessário para confeccionar diferentes objetos: balaios, redes, flechas, etc. Também tiram ervas, cascas de árvores e raízes que são usadas como remédios para curar doenças e preservar a saúde. Esta é uma lição muito bonita e importante que temos a aprender: cuidar da natureza e descobrir tudo de bom que ela nos oferece.

Para que você possa pensar um pouco mais sobre este assunto, propomos a seguinte atividade criativa:

Procure uma planta que possa ser usada como remédio e que ajude a preservar a saúde.

Descubra tudo o que puder sobre ela: nome, parte que pode ser usada (folha, casca, raiz), como ajuda a preservar a saúde, para que doenças é indicada e como é preparada (chá, tempero, etc.). Estas são apenas algumas dicas. Converse com sua família, seus amigos, suas amigas e sua professora, pesquise em livros e faça muitas descobertas!



A	T	N	A	V	P	A	C	S	K	L	M	P	T	G
Z	A	S	M	Ê	X	V	B	A	E	Q	J	R	D	N
E	M	A	B	M	J	O	Â	H	N	I	P	L	H	A
R	V	Ú	T	I	K	D	C	T	Q	V	A	S	Z	G
U	R	D	M	D	L	P	Q	F	G	T	O	D	N	N
T	H	E	C	P	B	A	L	A	I	O	C	X	E	I
A	F	R	M	B	T	V	C	F	J	H	T	I	B	A
N	Y	G	R	A	L	H	A	A	Z	U	L	B	N	K
O	R	T	X	K	B	I	L	A	K	L	M	D	C	O
S	A	N	E	G	Í	D	N	I	S	O	V	O	P	Z

Procure no caça-palavras as respostas do exercício abaixo. Em caso de dúvida, consulte os textos deste folheto.

1. O tema deste folheto fala da _____ dos povos indígenas.
2. Os povos indígenas lutam para preservar a _____, pois dela tiram o seu sustento.
3. O povo indígena _____ vive nos seguintes estados: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
4. O povo Kaingang tira parte de seu sustento da venda de artesanato. O mais conhecido é o _____.
5. Antes do desmatamento, o povo Kaingang fazia muita farinha de _____ para comer com a carne de anta.
6. Bolo de milho azedo: _____.
7. A carne da _____ era assada embaixo da terra.
8. Nome do pássaro de uma lenda indígena: _____.
9. Se nos esforçarmos para preservar a natureza, estaremos preservando também a vida dos _____.

Dá a cada pessoa o amor e a liberdade de apoiar e promover a saúde das outras pessoas e da comunidade.

A Bíblia enfoca a saúde de muitas maneiras e a partir de muitas situações. Aqui vamos prestar atenção a Mateus 15. 21-28.

Jesus cura uma menina de outro povo. A barreira entre povos pode ser muito forte. Este era o caso entre israelitas e cananeus. Jesus vence essa barreira. Outro aspecto importante do texto é o papel da mãe da menina. Ela tem muito amor pela filha e muita fé em Jesus. O amor e a fé lhe dão coragem e persistência para suplicar e para lutar pela saúde da filha. E assim a menina é curada.

Devemos entender saúde em sentido amplo. Jesus não apenas derrota a doença da menina. Ele dá a ela uma nova vida. Ela ganha novas chances, nova esperança, nova alegria e forças para replanejar sua vida.

Saúde pode ser ausência de doença, sim. Mas é muito mais do que isso. Ter saúde é viver bem no sentido amplo. Podemos reaprender isso com os povos indígenas, que olham a vida em seu sentido completo. Para viver bem precisa-se de moradia, terra, alimentos, emprego, escola, lazer, saneamento e atendimento aos doentes.

Ao mesmo tempo precisamos, como a mãe da menina, lutar com amor e fé ao lado dos povos indígenas para que eles e nós tenhamos saúde no sentido pleno. Somos convocados a sermos instrumentos de Jesus Cristo em favor da saúde e da vida dos povos indígenas.

Nesta perspectiva, o COMIN apoia os povos e organizações indígenas na sua luta pela saúde e pela vida. Contribui na formação de agentes indígenas de saúde, organizando cursos e acompanhando seus trabalhos nas aldeias. Desenvolve programas de educação para a saúde e efetua prevenção através de vacinação.

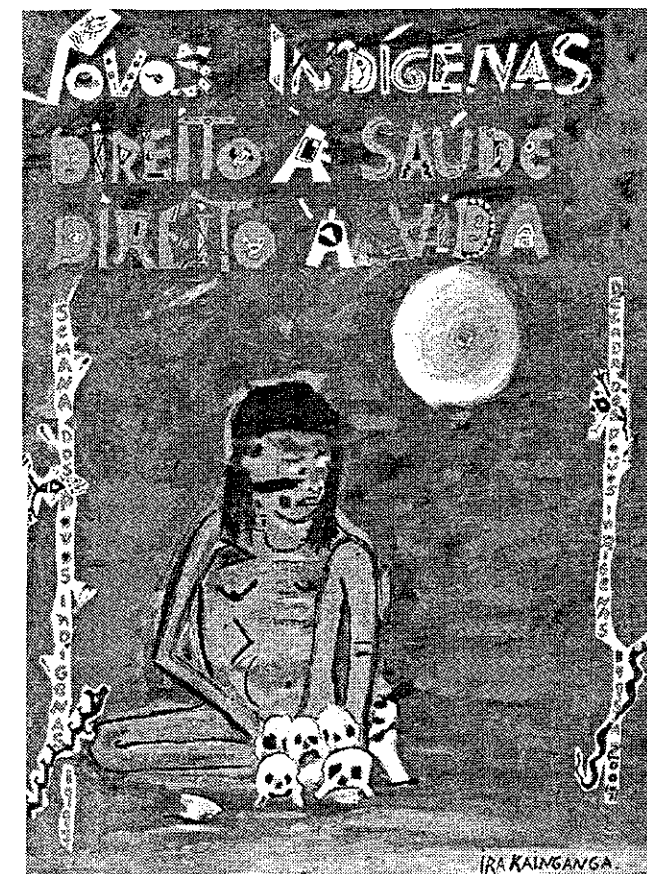
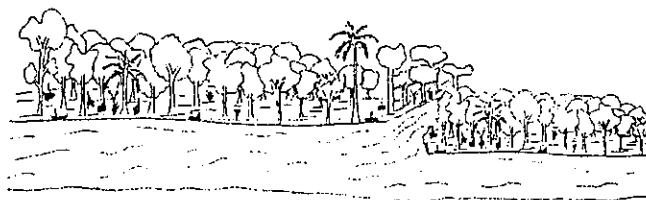
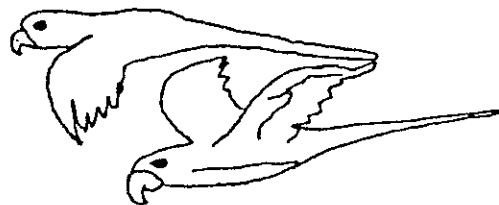
Desafios

Para que os povos indígenas consigam levar adiante a sua luta por vida e saúde precisam da solidariedade de comunidades, escolas e sociedade em geral.

- A partir da leitura deste texto, o que aprendemos com os povos indígenas sobre saúde e vida plena?

- Como podemos lutar em conjunto com os povos indígenas por uma política de saúde que atenda as necessidades de todos e que seja justa e eficaz?

ARTE CINTA LARGA - RO



"A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação" - Constituição Federal de 1988, Artigo 196.

A Realidade da Saúde

Sabemos que a situação de saúde do povo brasileiro tem piorado a cada ano. O Estado não está cumprindo sua obrigação.

Para maiores informações e pedidos faça contato com:

COMIN - Conselho de Missão entre Índios

Caixa Postal 14

Tel.: (051) 592-1763

Fax: (051) 592-3288

CEP 93001-970 - São Leopoldo/RS

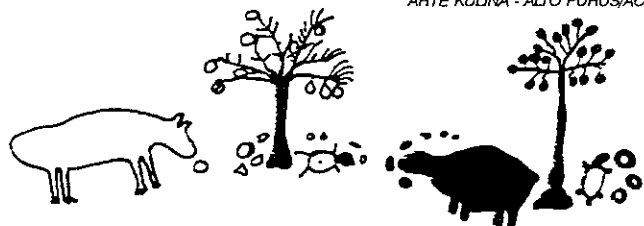
A vida dos povos indígenas é ainda mais desesperadora. Muitas crianças continuam morrendo de sarampo, coqueluche e hepatite. Mais grave ainda é que adultos e crianças morrem de desnutrição e verminose.

A realidade dos povos indígenas tem-se agravado em função da redução e perda de suas terras e da conseqüente destruição dos recursos naturais. Sem caça, pesca e coleta de alimentos a sua saúde ficou debilitada.

Imá, índio Kulina da Aldeia do Igarapé do Anjo (Acre), define muito bem a relação entre a perda da terra e a fome, quando diz:

"E aí, onde é que nós vamos botar roçado grande? Fazendeiro rouba terra de índio. Se índio entrega sua terra, a caça acaba. Então índio passa fome. Índio que não entende, entrega terra. Aí índio passa fome."

ARTE KULINA - ALTO PURUS/AC



Saúde Indígena

O povo indígena Kulina vive em mais de 30 aldeias no Acre, no sul do Amazonas e no Peru. Ele conserva a medicina tradicional, o que tem sido importante para a sua sobrevivência física e cultural.

A pessoa responsável pela saúde nesse povo recebe o nome de *Dsopinejé*. Este nome vem do verbo *dsopidé* que significa "mostrar o caminho indo junto", "acompanhando". A sua atuação envolve os aspectos físicos, mas também os psicológicos e espirituais da cura, tanto do doente, como da comunidade. Em caso de morte, ele aponta para novas esperanças e para a continuidade da vida mesmo após a morte.

Infelizmente, em nossa sociedade a medicina perdeu essa visão integral de saúde. O médico só trabalha a dimensão física da doença, enquanto o pastor e o padre devem encarregar-se da dimensão espiritual.

Doenças e Mortalidade

Os colonizadores trouxeram doenças para as quais os povos indígenas não possuem tratamento. A mortalidade foi tão grande que acabou desequilibrando muitas sociedades indígenas.

Veja como exemplo os povos Suruí e Cinta-Larga de Rondônia e Mato Grosso:

Em 1969 os Suruí eram cerca de 1.200 pessoas. Em 1972 estavam reduzidos a 400 e em 1978 sobreviviam 262. Em 1989 os Cinta-Larga eram 849 pessoas. Em 1993 restavam somente 643.

Para mudar este quadro torna-se urgente e necessário um atendimento de saúde com qualidade, que considere a cultura própria de cada povo.

ARTE KULINA - ALTO PURUS/AC



Direito à Saúde...

Os povos indígenas, como os demais cidadãos brasileiros, têm garantido o direito à saúde.

A lei reconhece e garante aos índios um atendimento de saúde que considere a sua medicina tradicional.

Os povos indígenas e os setores empobrecidos de nossa sociedade precisam de uma política de saúde que contemple os seus interesses e preencha as suas necessidades. Carecem também de uma política de saúde mais justa e eficaz para garantir-lhes melhores condições de saúde e vida plena.

Na prática, porém, tanto os índios quanto a população em geral sofrem com a falta de assistência regular à saúde e, em muitos casos, acontece abandono total por parte dos órgãos competentes.

...Direito à Vida

A Equipe de Saúde da ONISUL - Organização das Nações Indígenas do Sul - no "1º Seminário de Saúde Indígena no Rio Grande do Sul", definiu saúde da seguinte maneira:

"Saúde é ter: terra, alimentação, moradia, educação boa. E ainda: não ser discriminado, não ter doença e ter atendimento quando necessário."

Em resumo, ter saúde é viver bem.

Jesus Promove Saúde

Para nós cristãos, Jesus Cristo é a chave para lidar com a saúde. Ele é fonte de saúde.

ARTE KULINA - ALTO PURUS/AC

